



Sarney dá posse aos ministros em uma cerimônia rápida, mas emocionada, na qual frisou a fidelidade a Tancredo

Givaldo Barbosa/CB/D.A Press



Tensão no Hospital de Base. No corredor, ministros do futuro governo esperam notícias do presidente

Givaldo Barbosa/CB/D.A Press



Leônidas chega ao hospital: substituição no comando do Executivo estava prevista na Constituição

Givaldo Barbosa/CB/D.A Press



Figueiredo e Sarney (Leitão e Aureliano Chaves observam) se cumprimentam: pelo general, Ulysses assumia

“Substituirá o presidente, no caso de impedimento, e suceder-lhe-á no de vaga, o vice-presidente. Temos que partir primeiro da consideração factual de que o vice-presidente da República não é vice-presidente do presidente. O vice toma posse não como presidente, mas como vice, em substituição ao presidente”

Trecho de entrevista do jurista Affonso Arinos

“Generais vinham me propor passar o governo ao Sarney. Não pode. Estou com a Constituição aqui. Diz que tomará posse o presidente da Câmara. Durante 30 dias. Se, passados 10 dias depois da posse dele, o presidente eleito não tiver condições, 30 dias após a saída dele, haverá eleição. Quem deveria assumir era o Ulysses”

Trecho de entrevista do ex-presidente Figueiredo

“Mas não chegamos a definir posição a respeito. E a decisão da maioria foi sábia, jurídica e politicamente”, lembrou. Ou seja, deu Sarney.

A dúvida era, sumariamente, a seguinte: como Tancredo estava eleito, mas não empossado, Sarney estava na mesma situação. Exercendo mandato, apenas Ulysses. Em entrevista a Ronaldo Costa Couto, cujo trecho foi publicado no livro de Pasqualetto, o presidente João Figueiredo explica por que não passou a faixa presidencial e, também, por que não deveria ser Sarney a assumir o Executivo interinamente.

“Os generais vinham me propor, no caso da impossibilidade, passar o governo ao dr. Sarney. Eu digo: ‘O dr. Sarney não pode’. Mas por quê? Eu disse: ‘Dr. Leitão (de Abreu), o senhor é um jurista, eu não sou. Mas, infelizmente, sei ler português. E estou com a Constituição aqui em frente. E ela diz que, no caso de impedimento do presidente eleito, tomará posse o presidente da Câmara. Durante 30 dias. Se, passados 10 dias depois da posse dele, o presidente eleito não tiver condições, 30 dias após a saída dele, haverá uma eleição. (...) Para mim, quem deveria assumir era o Ulysses”, disse Figueiredo. Essa argumentação era compartilhada por próceres da ditadura que caía, como o ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel, e o chefe da Casa Militar, general Rubem Ludwig.

Tancredo adiou o mais que pôde a internação e a consequente cirurgia. Não era para menos: estava convicto de que, se não assumisse, haveria uma crise política. De acordo com o livro *O Paciente — O caso Tancredo Neves*, do médico e historiador Luís Mir, em um diálogo com o médico Renault Mattos Ribeiro, que o atendia, na manhã de 14 de março o presidente eleito deixou clara a preocupação, mas sem ser explícito nas palavras, de que poderia haver um retrocesso institucional.

“Não faço de maneira alguma (a operação). Já lhe disse que só depois da posse”, disse Tancredo a Renault. O médico, então, responde: “É como se nós estivéssemos ganhando de 1 x 0 e o outro time vai empatar. E com o empate, nós vamos perder o campeonato, presidente”.

Tancredo insiste: “Mas você não vai permitir que o outro time empate. Você vai usar todos os seus recursos e não vai permitir que haja empate coisa nenhuma. Nós vamos ganhar”.

A manobra

O jornalista José Augusto Ribeiro conta, em *Tancredo Neves — A Noite do Destino*, que Figueiredo, tão logo soube da internação do presidente eleito, sugeriu ao ministro do Exército, Walter Pires, que se movimentasse para Sarney não assumir. O general, porém, fora destituído, pois a dispensa dos ministros estava no *DOU*. Quem o avisou foi Leitão de Abreu, que usou de uma artimanha: disse que a exoneração foi publicada antecipadamente, por engano — como registra a jornalista Regina Echeverria, em *Sarney, a Biografia*. Pires não mandava mais nada.

Na frenética madrugada de 15 de março, houve uma reunião entre o presidente do Senado, José Fragelli (PMDB-MS), e Ulysses, com os líderes dos partidos nas Casas do Congresso. Diz a ata do encontro, catalogada nos anais do Senado, que “ouvidos todos os presentes, houve inteira concordância no sentido de que, mediante a apresentação de laudo médico que comprove a impossibilidade de o presidente eleito ser empossado nesta solenidade, a Mesa do Senado deverá dar posse ao vice-presidente eleito”.

Às 10h12 de 15 de março, Sarney assumia. Nas horas de angústia que precederam a cerimônia, anotaria em seu diário: “Minha recusa era uma fuga. Eu tinha medo. Na minha cabeça, estavam milhões de brasileiros olhando-me e apupando-me como o injusto beneficiário, que, por maquiavelismo, fizera tudo, rompera com o PDS, e agora, ajudado pelas forças do imprevisível, arrebata a Tancredo a glória desse dia”, revela Regina Echeverria, em *Sarney, a Biografia*.

Do Congresso, seguiu para o Palácio do Planalto para dar posse ao ministério. Recebido por Leitão de

Abreu, lê um texto de pouco mais de 1m30 da primeira à última palavra. “Eu estou com os olhos de ontem. E ainda prisioneiro de uma emoção que não se esgota. O Deus da minha fé, que me guardou a vida, quis que eu presidisse a esta solenidade. Ele não me teria trazido de tão longe, se não me desse, também, na sua bondade, as virtudes da paciência, do equilíbrio, da coragem, do idealismo, da firmeza e da visão maior das nossas responsabilidades perante esta Nação e sua História. Na forma da Constituição Federal, assumi a Presidência da República na impossibilidade de fazê-lo o senhor presidente Tancredo de Almeida Neves, a quem, tenho absoluta certeza, dentro de poucos dias, entregarei o governo na forma da Constituição e das leis, no desejo e vontade do povo brasileiro”.

Sarney continua: “Os nossos compromissos, meus e dos senhores agora empossados, são os compromissos do nosso líder, do nosso comandante, do grande estadista Tancredo Neves, nome que constitui a bandeira de união do país. Exerceremos os nossos deveres, eu e os senhores, como escravos da Constituição, das leis, do povo e dos compromissos da Aliança Democrática, compromissos estes que, com determinação, jamais abandonaremos, das mudanças e das transformações. Desejo a todos os senhores ministros êxito em suas tarefas. Declaro empossado o ministério e encerrada esta solenidade”, disse o agora presidente em exercício.

Ao **Correio**, Fernando César Mesquita, ex-porta-voz da Presidência, revela a contrariedade do recém-empossado. “Sarney não queria ser presidente. Ficou muito chateado em assumir a vaga que era do Tancredo. Tomou posse com o governo todo formado. Até os cargos de terceiro escalão estavam ocupados, todos assinados. Sarney não tinha ninguém dele. As únicas pessoas dele no Palácio do Planalto eram eu, o Jorge Murad (secretário particular) e, depois, o (advogado, escritor e imortal da Academia Brasileira de Letras) Marcos Vilaça”, relembra.

A negativa

Figueiredo deveria passar a Sarney a faixa presidencial. Não o fez porque entendia não ser ele quem deveria recebê-la. O general era conhecido pela irritabilidade, pelo descuido com as palavras, e também pela aversão à imprensa. Fumava entre dois e três maços, diariamente, de *Parliament*, cigarro então fabricado nos Estados Unidos, fator determinante para a morte na véspera do Natal de 1999. Em eventos públicos, escondia-se atrás de óculos escuros que, dizia-se, era para observar o cenário ao redor, hábito que cultivava desde os tempos em que fora diretor do Serviço Nacional de Informações (SNI), no governo de Ernesto Geisel. Além disso, sofria de lancinantes dores de coluna, o que o levou a submeter-se a “operações espirituais” realizadas pelo médium Rubem de Farias Júnior — que dizia incorporar o espírito do “doutor Fritz”. Dizia-se que tinha mau relacionamento com o irmão Guilherme Figueiredo (escritor, tradutor e dramaturgo), a ponto de não comparecer a seu sepultamento, em maio de 1997.

Nem mesmo o fato de ter sido torcedor apaixonado do Fluminense tornava Figueiredo mais simpático. O apresentador, cineasta e produtor musical Carlos Imperial também tentou, em seu programa nas noites de sábado, na TV Tupi, tornar o general mais palatável com a “Dança do Figueiredo” — cujo refrão era um alegre, mas desajeitado, “Figueiredo! Figueiredo!”.

Antes de deixar o Palácio do Planalto por uma discreta saída privativa, reuniu-se com o general Walter Pires e tentou visitar Tancredo. Conseguiu apenas conversar brevemente com D. Risoleta Neves, mulher do presidente eleito. Voltou à sede do governo, encontrou-se com alguns ministros, disse umas poucas palavras de agradecimento e deu por encerrado o mandato. (Colaborou Vanilson Oliveira)

» LEIA MAIS AMANHÃ
Correio testemunha o frenesi político da madrugada do dia 15 de março
Leia também na página 18